

4/19/53 MORTE

Parou de bater ontem um dos melhores corações do Brasil: Luís Camilo de Oliveira Neto, homem de cultura e de temperamento, energuemento da liberdade e da decência. Até o último instante ele esteve se interessando pelo Brasil, triste com seus escândalos, atento aos seus valores novos, indagador, vigilante. Telefonou-me há poucos dias, e sua voz difícil já parecia vir do outro mundo, mas falava apaixonadamente deste; preocupado com os amigos, querendo consertar a vida dos outros e sabendo que a sua estava no fim.

E quanta gente continua vivendo, gente que não sabe viver sem atropelar, explorar, humilhar os outros! Logo depois de saber da morte de Luís Camilo encontro na rua um rapaz que trabalha na filial carioca do Banco Mercantil de São Paulo; e ele me conta uma história banal e odiosa. Cinco funcionários, com seis a onze anos de serviço, acabam de ser transferidos para São Paulo; o que o banco deseja é demitir sem pagar indenização. Um deles é casado, tem filhos e se ainda consegue viver com seu ordenado medíocre é porque arranjou para morar em um apartamento do Instituto. O rapaz me pergunta se o banco pode fazer isso, se a Justiça do Trabalho deixa. Não sei. Esse tipo de golpe sujo, esse gesto de banqueiros abastados querendo roubar o pão a trabalhadores humildes é dessas coisas que me fazem mal e me entristecem; era das coisas que indignavam e faziam possesso o bom Luís Camilo de Oliveira Neto.

Suspendo esta crônica em sua homenagem; esta crônica pequena é ruim, mas penetrada pela emoção, pelo coração de Luís Camilo. R.B.